

Entre Vilões e Mocinhas: em busca de uma pedagogia do teatro melodramático

Luciana Hartmann

UnB

Doutorado

Profª. do Depto. de Artes Cênicas da UnB

Resumo: Este trabalho é resultante das reflexões realizadas no âmbito da pesquisa “Como se Cria um vilão? Um estudo teórico-prático sobre a construção dos personagens-tipo do Melodrama”, iniciada no ano de 2006, no Curso de Artes Cênicas da UFSM. Este estudo foi desenvolvido com alunos regulares do Bacharelado em Interpretação e Direção Teatral e com alunos voluntários dos Cursos de Música e Artes Visuais e visou a elaboração de estratégias - métodos e/ou técnicas - que fornecessem subsídios para a realização de espetáculos melodramáticos, com ênfase na construção dos personagens-tipo. Contextualizando a pesquisa através de um panorama histórico do Melodrama Francês e da crítica teatral sobre o gênero, o artigo apresenta um relato sobre o desenvolvimento da pesquisa e analisa os resultados alcançados até o presente momento.

Palavras-chave: melodrama, personagem-tipo, pedagogia do teatro

Este trabalho é resultante das reflexões realizadas no âmbito da pesquisa “Como se Cria um vilão? Um estudo teórico-prático sobre a construção dos personagens-tipo do Melodrama”, realizada entre os anos de 2006 e 2009, no Curso de Artes Cênicas da UFSM. Este estudo foi desenvolvido com alunos regulares do Bacharelado em Interpretação e Direção Teatral e com voluntários dos Cursos de Música e Artes Visuais e visou a elaboração de métodos e/ou técnicas que fornecessem subsídios para a realização de espetáculos melodramáticos, com ênfase na construção dos personagens-tipo. Contextualizando a pesquisa através de um panorama histórico do Melodrama Francês e da crítica teatral sobre o gênero, o artigo apresenta um relato sucinto sobre a primeira etapa do desenvolvimento da pesquisa e analisa os resultados alcançados.

O Melodrama é um gênero teatral com características específicas, como a presença de personagens-tipo e a sugestão de um modo de interpretar grandiloquente. Dentre os personagens-tipo, o Vilão se destaca como o antagonista que, em grande número de obras, protagoniza a ação. Embora a clássica dramaturgia melodramática francesa (referente ao final do séc. XVIII e início do séc. XIX) atribua ênfase especial a esse personagem, os estudos sobre o gênero não o têm contemplado com a profundidade merecida. E apesar do Melodrama ter fincado raízes profundas em outros gêneros dramáticos que continuam tendo reflexo no mundo contemporâneo, e de o personagem do Vilão continuar exercendo forte empatia e identificação sobre o espectador, há

escassas referências sobre o processo de criação desse personagem, tanto no âmbito dramaturgico quanto no âmbito da experiência cênica¹.

Breve histórico do Melodrama

O Melodrama surge junto com a Revolução Francesa (REGALDO, 1987). A partir de um édito do governo revolucionário, publicado em 1791, qualquer cidadão que tivesse condições financeiras para tanto poderia abrir um teatro. Disseminaram-se então os “teatros de boulevard”, acessíveis a um vasto e multifacetado público sedento por entretenimento. Trazendo alento à crise causada pelo conflito, as obras melodramáticas transformam em mitos e maravilhas a violência das ruas da época. Inicialmente, o Melodrama tinha por objetivo reconciliar todas as ideologias, numa tentativa de reconstrução nacional, buscando o fortalecimento das instituições sociais, morais e religiosas (THOMASSEAU, 2005). Paralelamente à sua ascensão, no entanto, críticos e intelectuais eruditos criavam um irreduzível desprezo ao gênero (CARLSON, 1997).

Dentre os principais elementos que serviram de base para a construção do Melodrama como gênero, encontram-se os personagens-tipos, a temática obsessional da perseguição e do reconhecimento, e a utilização de uma ampla gama de elementos espetaculares (explosões, incêndios, tempestades, naufrágios...). Rico em intrigas e peripécias, o gênero romanesco contribui com o Melodrama ao longo de todo o séc. XIX com seus canevais. Outras características que o compõem são o gosto pela pantomima e pela encenação grandiosa, elementos também encontrados nas grandes celebrações da Revolução.

Estudo de referência para os que se aventuram a conhecer as intrigas, mazelas e estratégias melodramáticas, *O Melodrama*, de Jean-Marie Tomasseau (2005), é um guia para o universo deste gênero que nasceu no seio da Revolução Francesa. A maioria dos historiadores e teóricos do teatro, no entanto, não tem prestado muita reverência ao Melodrama. Considerado um “gênero menor”, em termos literários, por intelectuais e dramaturgos clássicos e românticos do período, o preconceito sobre o Melodrama parece ter se mantido durante longo tempo, fazendo com que poucos críticos tenham se inspirado a defendê-lo como uma forma “legítima” de teatro.

Por ser popular, ter sua trama baseada em intrigas e desfechos surpreendentes, conduzir-se através de personagens caricatos e abusar dos recursos cênicos, o Melodrama despertou,

¹ Ver, no entanto, os trabalhos recentemente desenvolvidos no Brasil por Braga (2003), Huppés (2000), Marques (2004) e Merísio (2005).

assim, a ira da intelectualidade purista francesa. A noção de que a obra escrita só se realiza quando encenada confere características especiais ao Melodrama, cujo maior legado encontra-se não na grandiosidade de suas obras escritas, mas justamente na concepção de “espetáculo” que traz incutido junto à dramaturgia. Parte da garantia de sucesso desta espetacularidade está na proposta de construção dos personagens-tipo. Como aponta Tomasseau (2005: 39), no Melodrama a divisão da humanidade é simples e intangível: “de um lado os bons, de outro os maus”. Identificados pela aparência física e pelo gestual, esses personagens são máscaras de comportamentos e linguagens fortemente codificadas. Eles se reduzem a alguns “tipos”: o Vilão, a Vítima inocente (mocinha ou mocinho), o Cômico (normalmente um criado ou criada), o Pai nobre, o Protetor misterioso, e todas as suas variações. Entre esses, sugere Tomasseau (2005: 42), o Vilão, pela perseguição que exerce sobre sua vítima, é o agente principal. Sem as manobras desse personagem, a intriga prevista nos espetáculos perde o seu sentido: “o desfecho sem castigo não contenta um público ávido de compensação e que espera o vilão à saída do teatro para vaiá-lo.” (op. cit.: 42).

A Pesquisa na prática

Esta pesquisa se desenvolveu em duas frentes, uma teórica (pesquisa bibliográfica e análise escrita) e outra experimental (laboratórios práticos de criação de personagens). Inicialmente foi realizada a leitura de obras de referência sobre o Melodrama, incluindo duas teses recentemente produzidas no Brasil (BRAGA, 2006; CAMARGO, 2005). Numa segunda etapa procedeu-se com análise de uma amostra da dramaturgia do período de surgimento do gênero na França, o denominado “Melodrama Romântico”². A noção de que a obra escrita só se realiza quando encenada faz parte de conclusões tiradas durante a pesquisa teórica e a análise dos textos dramáticos. Dessa forma, o conceito de “texto espetacular” (DE MARINIS apud CAMARGO, 2005) emergiu como importante ferramenta analítica na categorização e interpretação da dramaturgia melodramática. E se as obras do gênero só se realizam de fato quando são representadas – não é coincidência que a expressão “*mise en scène*” tenha nascido com o Melodrama (THOMASSEAU, 1987) – qualquer tentativa de lê-las ou apreciá-las puramente como obra literária corre o sério risco de ser equivocada.

² Agradecemos ao GETEB – Grupo de Estudos e Pesquisa em Teatro Brasileiro, da Universidade Federal de São João Del Rey, e em especial a professora Claudia Braga, pela cedência deste material que, à exceção de *Coelina*, foi todo digitalizado pelo Grupo a partir de manuscritos de peças traduzidas e encenadas no Brasil no início do século XX, atualmente compondo o acervo da SBAT.

Além dos registros históricos que dão conta dos artifícios cênicos utilizados nas montagens das peças, o elemento-chave para a compreensão do vínculo do Melodrama com a espetacularidade, na obra escrita, é a rubrica. Nas peças melodramáticas são encontradas inúmeras descrições - rubricas - que compõem as cenas com detalhes precisos, orientando desde a criação dos cenários, figurinos, marcações de cena e efeitos presentes no espetáculo até a construção das características físicas e emocionais dos personagens.

Conscientes da potencialidade espetacular de descrições, passou-se à etapa prática da pesquisa, para a qual se escolheu uma cena que apresentava os dois personagens principais, o Vilão e o Mocinho, contracenando, e que continha rubricas que orientavam o tipo de representação desejado pelo autor para esses personagens. A cena que melhor se adequou a essa proposta foi extraída da peça *Tom, o Sineiro de São Paulo*, um drama em 4 atos e um prólogo de M. J. Bouchardy (Cópia Digitalizada pelo GETEB, pp. 45 – 47).

O processo de criação de personagens melodramáticos, com ênfase na atuação do Vilão, iniciou-se com a leitura e memorização do texto, com atenção especial para as informações fornecidas pelas rubricas. No momento em que as alunas-atrizes estabeleceram domínio do texto, deu-se início a improvisações que visavam a “marcação” da cena, o que ocorreu sem maiores dificuldades. Já a busca pelo estilo de interpretação melodramático foi o momento no qual as alunas enfrentaram sua maior dificuldade. Uma atuação “exagerada”, freqüentemente excluída das classes de interpretação contemporâneas, passava a ser a regra essencial para se chegar ao efeito pressuposto pela obra melodramática. Gestos grandiosos e esquemáticos, expressões faciais estereotipadas, frases de efeito, entradas e saídas marcantes tinham de ser (re) descobertos.

Com os laboratórios de experimentação prática, verificamos que obstáculos podem se transformar em mote para novas buscas, que, no nosso caso, conduziram tanto à redescoberta de técnicas teatrais tradicionais quanto à descoberta/criação de uma pedagogia de trabalho específica, aplicada aos objetivos e necessidades da pesquisa em questão. Neste sentido, acreditamos que o Melodrama, como um gênero cuja principal ênfase encontra-se na espetacularidade, pode mostrar-se uma generosa e estimulante experiência para atores e diretores contemporâneos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Claudia. **Em Busca da Brasilidade – Teatro Brasileiro na Primeira República**. SP: Perspectiva, 2003.

_____. **Melodrama – um gênero a serviço da emoção**. Tese de Livre Docência. Campinas, UNICAMP, 2006.

CAMARGO, Robson Correa de. **O espetáculo do Melodrama: arquétipos e paradigmas**. Tese (Doutorado em Teatro). SP: USP, 2005.

HUPPES, Ivete. **Melodrama: o gênero e sua permanência**. SP: Ateliê editorial, 2000.

MARQUES, Daniel. **O palhaço negro que dançou a chula para o Marechal de Ferro: Benjamim de Oliveira e a consolidação do circo-teatro no Brasil - mecanismos e estratégias artísticas como forma de integração social na Belle Époque carioca**. Tese (Doutorado em Teatro). Rio de Janeiro: UNIRIO, 2004.

MERÍSIO, Paulo. **Um estudo sobre o modo melodramático de interpretar: o circo-teatro no Brasil nas décadas de 1970 e 1980 como fonte para laboratórios experimentais**. Tese (Doutorado em Teatro). Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005.

REGALDO, Marc. *Mélodrame et Révolution Française*. **Europe - Le Melodrame**, 703-704, 1987, pp. 6-17.

THOMASSEAU, Jean-Marie. **O Melodrama**. SP: Perspectiva, 2005.